

Incêndio ameaça reserva no Amapá

Trabalho de brigadistas, bombeiros e mateiros no Lago Pirituba, rico em espécimes ameaçados, vai durar uma semana

Continuação da primeira página

O desastre ecológico colocou o Amapá entre as prioridades do programa de combate a incêndios florestais na Amazônia (Proarco), lançado pelo governo federal em 1998, depois da grande queimada de Roraima, o outro Estado brasileiro localizado acima da linha do Equador.

“Esta é a situação mais difícil que vi até hoje”, diz Humberto Candeias, diretor de Proteção Ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “Parece um cenário de desmatamento, mas com poder de destruição muito maior.”

Cerca de cem homens - entre brigadistas do Ibama de Brasília, bombeiros do Pará e Amapá e mateiros da região -, escavam valas em torno da área para conter o fogo. O foco de incêndio da Comunidade do Tabaco já foi controlado. O segundo ponto, no Igarapé das Piranhas, está sendo combatido. Como não há previsão de chuvas nos próximos cinco dias, estima-se que o trabalho dure mais uma semana.

“Este é o maior incêndio florestal que o Ibama já registrou no Estado”, lamenta Murilo Pinheiro, gerente-executivo do órgão no Amapá. As causas do desastre só serão apontadas depois da perícia, mas se acredita que fogo para preparar pastagens de búfalo tenha avançado por zonas de campo até atingir parte de mata no parque. Como os índices pluviométricos ficaram abaixo da média este ano e a estiagem está prolongada (ainda não caíram as chuvas rotineiras do início de dezembro), a cobertura vegetal do solo ressecou.

Turfa - O fogo avança por baixo das camadas de lama, folhas e galhos que formam a turfa. Não pode ser combatido, por exemplo, derramando-se água por aviões. É preciso escavar a turfa até atingir a argila do solo, localizada entre 50cm e 1,5m, para contê-lo.

O material orgânico incendiado é a base sobre a qual se ergueu o cerrado.



Fogo queima 4 mil dos 357 mil hectares da reserva ambiental do Lago Pirituba, a leste do Amapá. Equipes de Brasília, do Estado e do Pará escavam a turfa para montar um cordão de proteção em torno da região incendiada. Suspeita-se que os primeiros focos começaram com a queimada de áreas para plantio de pastagens de búfalos



Fernando Bizerra Jr./BG Press

Uma vez destruído, resta um solo arenoso. “A perda da biodiversidade é irreparável”, diz Avay Miranda Júnior, gerente de área do Proarco para o Mato Grosso e Pará. “A área afetada será coberta por outro tipo de vegetação.”

Na terça-feira, o Amapá foi incluído no Proarco, que abrangia Roraima e o círculo de desmatamento da região amazônica. O Estado é estratégico: 70% do território, ou 97 mil km², são cobertos por floresta amazônica, a quase totalidade dela preservada. Unidades de conservação estaduais, federais, reservas particulares e terras indígenas correspondem a quase 30% do Amapá. Por isso, está quase concluída a criação de uma superunidade de conservação na região de fronteira com a Guiana.

Diversidade - A maior parte da floresta amazônica localiza-se na parte oeste do Amapá. A reserva incendiada está a leste. O fogo arde numa área de rica diversidade biológica. A reserva do Lago Pirituba é um mosaico de paisagens, com florestas densas, de transição, mangues e campos. A ocupação, aliada às condições climáticas, interfere na preservação ambiental.

Mais de cem famílias residem no parque. Subsistem da agropecuária, caça e pesca predatórias. A reserva é habitat de várias espécies ameaçadas de extinção, como a tartaruga-marinha, ariranha, peixe-boi e preguiça. Em 1998, o incêndio em Roraima começou por regiões de savana. Eram comuns as queimadas. Avançou graças ao solo ressecado até áreas de floresta primária. O fogo no Amapá é mais fácil de ser controlado. O Estado é pouco devastado, ao contrário de Roraima. De qualquer forma, a atuação conjunta da brigada anti-incêndio, bombeiros e dos mateiros é uma espécie de treino. Os três primeiros meses do ano são marcados pelas queimadas em Roraima. A severa estiagem faz prever o surgimento de vários focos naquele Estado no início de 2002.